



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REGIANE APARECIDA DE LIMA

**COMUNIDADE CRISTÃ INCLUSIVA:
uma construção pentecostal LGBTs?**

Londrina
2014

REGIANE APARECIDA DE LIMA

COMUNIDA CRISTÃ INCLUSIVA:
uma construção pentecostal LGBTs

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Estadual de
Londrina, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Ms Luiz Ernesto Guimarães

Londrina
2014

REGIANE APARECIDA DE LIMA

**COMUNIDADE CRISTÃ INCLUSIVA:
UMA CONSTRUÇÃO PENTECOSTAL LGBTs**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Ms Luiz Ernesto Guimarães
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

Dedico este trabalho a meus pais, a quem devo a vida!

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço aos meus pais que foram toda minha inspiração e força ao longo de minha construção educacional, por me darem condições materiais e psicológicas de me dedicar aos estudos. A minha fiel companheira Rosely Soares que teve muita paciência em me apoiar nesse trabalho que exigiu tanto de meu tempo e energia, muito obrigada pelos almoços e cafés.

Aos amigos de curso que me ensinaram a entrar nos meados das Ciências Sociais e que tanto me ajudaram com importantes leituras e compartilhamentos de seus conhecimentos. Obrigada a Marli de Freitas que hoje não está mais fisicamente conosco, Mariana Marcondes, Jamile Batista, Edson Elias, Luis Alberto Maccagnan e Andréia Cruz.

A todos os professores do curso que nos ensinam a cada dia a arte de ser um Cientista Social, em especial Martha Ramires pelos e-mails trocados e dedicação em suas aulas e meu orientador Luiz Ernesto Guimarães pela ajuda e grande compreensão.

Agradeço enormemente ao professor que me inspirou e foi o grande pivo desse trabalho, um ser humano incrível a quem devo muita gratidão, que com extrema paciência e energia me ensinou, incentivou e encaminhou pelas mãos, obrigada Fábio Lanza, sem você não poderia ter concluído minha graduação.

Enfim a todos colegas que direta ou indiretamente me inspiraram no cotidiano universitário!

LIMA, Regiane Aparecida de. **Comunidade cristã inclusiva: uma construção pentecostal LGBTs**. 2014. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina (UEL), 2014.

RESUMO

O presente trabalho busca a análise da Igreja Cidade de Refúgio - CR, instituição pentecostal caracterizada pela Glossolalia (falar em línguas estranhas), Dom do Espírito Santo, Profecias e Orações em voz alta. A CR prega a Teologia Inclusiva, ou seja, o estudo histórico da bíblia sem a demonização homoafetiva e um favorecimento heterocêntrico. De forma que, essa pesquisa problematizou se a CR é um movimento de resistência doutrinária dentro do pentecostalismo ou se trata de mais um grupo religioso pentecostal. O estudo usou da análise histórica do pentecostalismo para compreender a construção da instituição estudada. E por meio da etnografia feita de 26 de abril a 09 de setembro de 2013, pesquisa documental, pesquisa eletrônica, sites e redes sociais foram possíveis o entendimento das configurações e características da CR em Londrina - PR. Assim sendo, a partir dos estudos bibliográficos, foi possível concluir que o movimento pentecostal desde sua origem nos Estados Unidos se construiu enquanto perspectiva de resistência dentro da religiosidade histórico protestante, porque rompeu a teologia e seus ritos tradicionais. Ao concluir, afirmamos que a CR de Londrina entrou no cenário religioso pentecostal, sendo mais uma opção religiosa que reproduz e quebra parcialmente os paradigmas históricos do pentecostalismo, reforça interpretações teológicas e as novas formas rituais que promovem a inclusão dos sujeitos homoafetivos.

Palavras-chave: Sociologia das Religiões; Movimento Pentecostal; Gênero; Homossexualidade.

LIMA, Nome Regiane Aparecida de. **Inclusive Christian community: a Pentecostal construction LGBTs.** 2014. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina (UEL), 2014.

ABSTRACT

This paper tries to analyze the City of Refuge Church - CR, Pentecostal institution characterized by Glossolalia (speaking in tongues), Gift of the Holy Spirit, Prophecy and Prayer aloud. The CR Inclusive Theology preaches, ie, the historical study of the Bible without homosexual demonization and heterocentric favoritism. So, this research problematized if the CR is a movement of resistance within the Pentecostal doctrine or is it more of a Pentecostal religious group. The study used the historical analysis of Pentecostalism to understand the construction of the institution studied. And through an ethnography done in April 26 to September 9, 2013, documentary research, electronic research, and social networking sites were possible understanding of the settings and features of the CR in Londrina - PR. Thus, from the bibliographical studies, it was concluded that the Pentecostal movement from its origins in the United States was built as prospect of resistance within the historic Protestant religiosity, because theology and broke their traditional rites. At the conclusion, we affirm that the CR Londrina entered the Pentecostal religious landscape and is an option that plays religious and partially break the historical paradigms of Pentecostalism, reinforces theological interpretations and new ritual forms that promote the inclusion of homosexual subjects.

Keywords: Sociology of Religions; Pentecostal movement; gender; Homosexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2 – Livrária	35
Figura 3 – Cantina.....	36
Figura 4 – Multimídia	37
Figura 5 – Dia de Ceia	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AL	Assembleia Legislativa
APTA	Associação para Prevenção e Tratamento da AIDS.
CEHUSP	Centro de Estudo Homoeróticos da Universidade de São Paulo
CPPC	Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos
CR	Cidade Refúgio
ICM	Igreja da Comunidade Metropolitana
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.
ONG	Organização não Governamental
TP	Teologia da Prosperidade
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	BREVE HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO.....	15
2.1	PENTECOSTALISMO NO BRASIL.....	16
2.2	A PRIMEIRA FASE PENTECOSTAL.....	17
2.3	A SEGUNDA FASE PENTECOSTAL.....	18
2.4	A TERCEIRA FASE PENTECOSTAL.....	18
3	GÊNERO E SEXUALIDADE.....	23
3.1	MOVIMENTOS CONTRA DESIGUALDADES DE GÊNERO.....	25
3.2	CRISTIANISMO QUEER.....	27
3.3	TEOLOGIA E SEXUALIDADE.....	30
3.4	IGREJAS GAYS NO BRASIL.....	32
4	HISTÓRIA DA CIDADE DE REFÚGIO.....	35
4.1	ETNOGRAFIA DA CR LONDRINA.....	37
4.2	IGREJA GAY E PENTECOSTAL.....	39
4.3	SEXUALIDADE REPRODUZIDA.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	49
	ANEXOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O estudo da religião dentro da Sociologia é um tema intrigante e em expansão acadêmica, escolher o estudo de um movimento religioso recente nascente que é o Inclusivo ou Gay como alguns chamam se torna um grande desafio, pois essa pesquisa verte em cima de como se configura o movimento religioso homossexual articulado com as doutrinas pentecostais tradicionais.

O seguinte trabalho foca no entendimento de como se configura em específico uma determinada igreja, localizada na cidade de Londrina - Paraná chamada Cidade de Refúgio com influências pentecostais. Perceber as novas configurações e construções desse novo sujeito, que anteriormente atuava de forma passiva perante a sociedade religiosa, se permitindo fazer seu cotidiano ser representado na esfera do sagrado.

O homossexual se coloca em evidência, mergulhando no universo pentecostal como um dos protagonistas, já que historicamente foi e ainda é um grupo marginalizado e profanado do ponto de vista teológico-prático-religioso. A transmissão religiosa familiar tradicional gerava uma violenta coerção de suas identidades com grande repressão moral.

Em uma parte das organizações religiosas no Brasil tudo proveniente de um homossexual se torna depreciativo, sujo e indigno, sua liberdade é restrita e seus espaços condenados a lugares específicos. O único espaço de certa liberdade e tolerância são as religiões afro-brasileiras e algumas alternativas, que acreditam que o indivíduo homoafetivo é predestinado espiritualmente de forma que há certo respeito. Essas religiões por sua vez sofrem bastante de ataques raciais e pré-concepções errôneas a suas práticas, portando, talvez por uma trajetória marginalizada socialmente têm uma receptividade maior as minorias.

Nas igrejas, principalmente as evangélicas existem de forma predominante a visão do indivíduo gay como um sujeito influenciado negativamente pelo sobrenatural de forma a precisar fazer uma limpeza espiritual.

Será feita uma introdução da parte histórica do pentecostalismo para analisar a doutrina e seus ritos entendendo a construção reflexiva sobre gênero e sexualidade. Esse é um movimento histórico, ascético que revolucionou nas práticas doutrinárias, os ritos herdados pelo protestantismo, nos quais foram totalmente

modificados, as orações são feitas mais altas, e durante esse processo acreditam que alguns podem ter contato direto com o Espírito Santo, nesse contato os membros entram em transe falando em línguas desconhecidas, acreditando ser a língua desse espírito.

Outra mudança é na crença da profecia, o que anteriormente esse fato ocorreu num passado bem distante, nesse novo movimento se tornou possível, ou seja, a grande transformação foi em trazer o plano espiritual mais perto das pessoas, do mundo real. E isso é uma característica muito forte do pentecostalismo, sendo uma adaptação com determinadas demandas modernas.

Nesse sentido, se pode observar a prática da Teologia da Prosperidade onde seus membros foram instruídos a abandonar o discurso da pobreza e conformismo no significado de pureza e obediência a Deus. Os significados mudaram, na atualidade a prosperidade financeira e profissional, nos quais são atributos de um bom crente, alguém que cumpre as normas e leis sagradas.

A felicidade pode ser alcançada materialmente e fisicamente, o que se esperava para o além desse mundo agora é possível nessa vida, uma obrigação divina para com seus fiéis, acumulando fortunas e sucessos financeiros. Assim sendo, saíram do plano particular para um universo social, articulado e político.

[...] Na Assembleia Legislativa (AL) do Paraná, onde a chamada “bancada de fé” é composta hoje por dez dos 54 deputados com mandato, a expectativa é aumentar a representatividade. Quando foi instituída, no início de 2011, a frente contava com seis nomes, no entanto, viu sua força crescer após a posse de suplentes (RAMOS, 2014, p. 4).

Portanto, o pentecostalismo se adapta e se reconfigura constantemente com o meio social que pertence à alguns segmentos tradicionais que estão dialogando com temas polêmicos e recebendo os homoafetivos sem uma perspectiva de cura. Portanto, os movimentos inclusivos seguem essas características de mudança e adaptação, se construindo a partir das reflexões dos movimentos sociais feministas e homossexuais das décadas de 60 que passaram a reivindicar uma cidadania plena.

Algumas feministas na reivindicação de uma teologia feminista para o trato igualitário das mulheres dentro das igrejas ajudaram no pensamento sobre a teologia Queer (Inclusiva) que pede por uma interpretação bíblica sem a

criminalização e profanação do gay. Outra reflexão que nasceu dessa fonte foram as Teorias Queer no questionamento da heteronormatividade como princípio de todas as coisas, assim como as normas estabelecidas em relação ao gênero masculino. A Teologia da Libertação¹ contribuiu fortemente no pensamento de inclusão dos marginais nas reflexões religiosas como um protagonista das histórias bíblicas e cotidianas religiosas.

E mesmo existindo grupos homofóbicos contrários à inclusão e impulsionados pela visão de que é possível a cura da homossexualidade, o tema está em pauta nas reflexões dessas instituições tradicionais.

A partir do processo de investigação iniciada em 26 de abril de 2013 em Londrina com a inauguração da igreja a princípio no Hotel Sumatra na Rua: Souza Naves, 803, no qual se foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre os temas Pentecostalismo, Gênero e Teologia Queer. Posteriormente elaborado o projeto de pesquisa e realizado as pesquisas: a) Eletrônicos nos sites da CR e Redes Sociais com membros da igreja em São Paulo e alguns já frequentadores de Londrina, b) Documental tendo como fonte os materiais impressos encontrado na loja da instituição, c) De campo, por meio da Etnografia.

Percebendo que o homem tem grande dificuldade em olhar seu semelhante e ver que não é tão semelhante assim, contribuindo para mais um trabalho de percepção da importância religiosa como uma grande influência na construção do pensamento. A pesquisa usou da etnografia, entendendo o conceito na definição de (GEERTZ,1989,p.4) “Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”

Os trabalhos de etnografia foram feitos no mês de abril, agosto e setembro de 2013, todos dentro do novo templo da CR localizado na Rua Benjamin Constant, 1455 – Centro, Londrina - Paraná. E nos intervalos etnográficos foram realizadas pesquisas através de documentos retirados da igreja como revistas e livros, meios eletrônicos como redes sociais, sites da igreja e e-mails trocados com membros e lideranças.

Dessa forma, interpretando essa nova perspectiva pentecostal e propondo mais questionamentos acerca dessa proposta religiosa.

¹ Para maior aprofundamento sobre a Teologia da Libertação foi consultado o livro BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. Como Fazer Teologia da Libertação. 7 edição. Petrópolis. Editora Vozes.1998.

2 BREVE HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO

Pensar o movimento pentecostal é presenciar um fenômeno religioso que a cada ano desde sua vinda para o território brasileiro tem crescido e se aculturado de forma muito confortável. O estudo da religião se torna muito importante para o entendimento do pensamento social, político e organizacional de um povo devido ao seu impacto em várias esferas de concepção de mundo individual e de grupo.

O sociólogo Freston (1994) chama a atenção para pesquisas sobre o tema nos meios acadêmicos lembrando que o movimento já existe há 80 anos e ainda não se contava historicamente com reflexões científicas, deixando o tema negligenciado. Fato que não poderia ser descartado haja vista, que o Brasil concentra milhões de indivíduos que professam alguma crença, e no caso do pentecostalismo historicamente está presente na cultura nacional a mais de meio século, criando e definindo significados.

Como Gramsci (2001) reflete que toda concepção de mundo difundida no corpo, a religião entra como um conjunto ideológico, homogêneo importante na formação da cultura, e política de um povo. Retomando o cenário ideológico brasileiro da grande massa, a religião tem grande parte na construção indenitária, imaginária e cultural desses sujeitos.

O pentecostalismo surge nos Estados Unidos da América no ano de 1901 entre os cristãos Charles F. Parham (1873-1929) e Wilhian Joseph Seymour (1870-1922), Parham foi durante anos pastor da igreja Metodista e sua passagem pela instituição durou apenas cinco anos porque os metodistas não enfatizavam tanto a possibilidade de real de curas e milagres. Wilhian J. Seymour nasceu e foi batizado na igreja católica tendo posteriormente uma adolescência vivida na Batista e Metodista episcopal para negros (CAMPOS, 2005).

O contato com os pentecostais se deu quando conheceu e uniu-se aos Holiness, grupo inspirado por Parham, filiando-se a essa nova escola bíblica instaurada na cidade de Huston que ensinavam a ter experiências com transe, glossolalia (falar em línguas estranhas) e o dom do Espírito Santo (CAMPOS, 2005). Ou seja, experiência mística que possibilita ter contato real com o sobrenatural como acontecia nas festas de Pentecostes, festa bíblica comemorativa da ressurreição de Jesus Cristo onde seus discípulos recebiam o Espírito Santo.

No contexto geopolítico norte americano o momento era conturbado, pois refletiam consequências de uma Guerra Fria, muitas tensões raciais pela libertação dos escravos, industrialização crescente atraindo muitos imigrantes pobres da Europa, esvaziamento das zonas rurais para uma vida de promessas nas cidades.

Esse acontecimento gerou muitos sonhos e incertezas na vida das pessoas, indivíduos marcados pela guerra e insegurança sobre o que vinha pela frente, fato esse que impulsionou a atração pelo movimento pentecostal. Movimento esse que pregava santificação e segurança, propondo regras que facilitariam a vida naquele instante (CAMPOS, 2005).

Nesse cenário Seymour iniciou seus estudos bíblicos na escola que Parham havia aberto em Huston, não podendo estudar dentro das salas de aulas por ser um negro, usando os corredores para aprender as teorias pentecostais. Através dessas experiências o jovem monta uma igreja na Rua Azuza na cidade de Los Angeles revolucionando a partir daí o universo cristão protestante. Sendo esse um ambiente localizado em um bairro negro onde saiam gritos, convulsões, línguas estranhas, milagres, curas chamando a atenção de vizinhos e da imprensa local (CAMPOS, 2005).

Em pesquisa Campos (2005) diz que a Rua Azuza foi palco do primeiro avivamento pentecostal a receber atenção significativa, foi um movimento que na época pregava a equidade entre as pessoas diante de um país, onde negros e mulheres não tinham visibilidade existindo uma discriminação violenta, dando espaço para que mulheres liderassem e participassem ativamente da organização e administração do local e principalmente enaltecendo a identidade negra.

2.1 Pentecostalismo no Brasil

Na perspectiva atual brasileira pode-se observar que ainda acontece um pouco dessa lógica nas igrejas pentecostais, conseguindo proporcionar um sentimento de pertencimento, criando identidades em indivíduos invisíveis perante a sociedade. São distribuídos cargos e responsabilidades dos quais esses membros muitas vezes financeiramente fracassados e sofrendo diversas humilhações são dotados novamente de humanidade e solidariedade.

Continuando no cenário brasileiro Freston (1994) reclama de uma relativa escassez de escritos históricos sobre o tema, achando apenas breves retrospectivas

históricas, o autor percebe que essa religiosidade toma o incidente de descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste como marco histórico de sua origem. “Não há muita ideia de desenvolvimento, pois tudo já está contigo no evento paradigmático original” (FREESTON, 1994, p.69) .

Estudar o pentecostalismo não foi tarefa fácil, pois o tema não tem uma relação histórica cronologicamente sendo apenas reduzida em três momentos, igreja primitiva, fase da recuperação da visão e essa atual sempre cada momento repetindo a anterior e com dados fragmentados (FREESTON, 1984).

2.2 A Primeira Fase Pentecostal:

Os estudos feitos por Freston (1994) sobre o movimento no Brasil são divididos pelo pesquisador em três ondas. A primeira vem com a chegada das igrejas pentecostais no país ano de 1910 com a Congregação Cristã no Brasil e 1911 com a Assembleia de Deus, Igreja de Deus e a Igreja de Cristo vindo posteriormente. O pentecostalismo chegou ao Brasil num momento muito delicado economicamente com a transição de um Brasil rural para um urbano, no entanto, politicamente influenciado pelo coronelismo, analfabetismo e pobreza.

Bittencourt Filho (2003) fala do movimento pentecostal chegando junto com essas transformações sociais, como migrações, crescimento urbano e como isso afetou a vida das pessoas, tirando delas referência de valores, incapacidade de sentido e a perda de identidade. Essa primeira fase do pentecostalismo adotou essa população mais carente, produzindo bens perdidos diante desse momento confuso e incerto, e a nível doutrinário, por exemplo, acreditavam que quando o indivíduo começava a falar em línguas estranhas (Glossolalia) ele já estava recebendo o dom do Espírito Santo (MARIANO,1999).

2.3 A SEGUNDA FASE PENTECOSTAL

A “segunda onda” estariam entre os anos 50 e 60 dos os pentecostais se fragmentam em várias igrejas menores entre elas Deus é Amor (1962), Quadrangular (1951) e Brasil para Cristo (1955). Também caracterizada por seus componentes serem de uma população de baixa renda com comportamentos radicais e ascéticos, vivendo de maneira defensiva diante do mundo, porém, contando mais com a participação de profissionais liberais e pequenos empresários.

Duraram cerca de nove anos de forma bem sectária com relação aos seus posicionamentos diante das novidades mundiais (FRESTON,1994).

Algumas denominações como no caso da Congregação Cristã tiveram algumas mudanças em seus usos e costumes, Evangelho Quadrangular chegou e inovou com novas técnicas, usando o rádio para transmissão de seus cultos, assim atingindo a massa com sua mensagem de cura divina, o que criou certa tensão com as mais tradicionais que acreditavam ser do diabo qualquer meio de comunicação (MARIANO, 1999). Esse pensamento missionário desembarcou no Brasil no início dos anos 50 com ex atores norte americanos, Harold Willians e Raymond Boatright membros da *International Church of the Foursquare Gospel* , nome em inglês de Evangelho Quadrangular do qual significa os atributos de Cristo: Cristo salvador, santificador, batizador no Espírito Santo e curador; responsável pela ideia de evangelismo em massa (MARIANO,1999).

2.4 A Terceira Fase Pentecostal:

A terceira e última são as neopentecostais como a Universal do Reino de Deus (1977) e Internacional da Graça de Deus (1980). Para o autor o movimento mostra sua versatilidade e evolução ao longo dos anos, ou seja, as ondas seriam as fases geopolíticas encontradas no Brasil, os templos se tornariam um espaço de expressão e práticas em constante movimento (FRESTON,1994).

Para Bittencourt Filho (2003) o pentecostalismo clássico retrata mais as relações arcaicas, de um mundo mais rural retratando assim suas identidades, e o Pentecostalismo Autônomo como ele conceitua o dessa terceira fase, representando uma adequação ao mercado de bens simbólicos configurados por essa sociedade industrial. O autor lembra que o sistema capitalista não se preocupou em atender e superar os novos anseios individuais e coletivos e sim sublinhando as diferenças sociais e culturais de forma a deixar as pessoas órfãs em vários aspectos, dando espaço para as crenças no místico e na magia, no que o Pentecostalismo Autônomo além de outras religiões supre essa falta, se caracterizando também na cura, exorcismo e prosperidade.

A matriz Religiosa também agrava esses medos, porquanto recheia a mundividência das pessoas com o “mau-olhado”, a praga, a “mandinga” e tantos outros instrumentos mágicos e supostamente eficazes de intervenção (simbólica) negativa. O avanço tecnológico

amedronta um numero cada vez maior de analfabetos e de semi-alfabetizados, definitivamente alijados do uso e dos benefícios dessa maquinaria que passa a comandar-lhes as vidas compulsoriamente (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.197).

Mariano (1999) caracteriza essa terceira fase como Neopentecostal, usados pelos pesquisadores brasileiros para classificar o que é novo, em especial a Universal do Reino de Deus, nome esse usado pelos pesquisadores da área para nomear essas denominações a partir dos anos 50, caracterizados pela liberdade no uso das mídias, entrada no cenário político e mudança radical nos usos e costumes adaptando suas crenças a modernidades.

Porém, o pesquisador lembra que nem todas podem ser classificadas com neopentecostais, as outras fases foram divididas cronologicamente, no entanto, esse terceiro momento caracteriza pela mudança em alguns aspectos doutrinários e ideais. É menos sectária e ascética, uma camada mais aberta ao mundo globalizado, não homogeneizado teologicamente, reproduzem novas crenças e práticas que agradam a massa, de forma que acabou atraindo algumas pentecostais clássicas como o Evangelho Quadrangular e Nova Vida que eram deuteropentecostalismo mais que lentamente estão adquirindo traços neopentecostais e algumas protestantes históricas se apropriando de algumas práticas e doutrinas dessa nova onda (MARIANO, 1999).

A Teologia da Prosperidade nasceu nos Estados Unidos nas décadas de 40 se constituindo de fato nos anos 70 quando encontrou aceitação nos grupos carismáticos norte americanos. Sendo liderada por Kenneth Hagin (1917-2003) nascido do Texas difundiu-se para diversos países.

Mariano (1999) salienta que Oral Roberts (1918-2003) um Telê-evangelista foi quem criou a noção sobre a importância da abundância, prometendo retorno aos que ajudavam em contribuições de doações para manter o programa no ar, divulgando dessa forma uma confissão positiva, que seria a crença de que: o crente tem poder para ter o que quiser, por causa do sacrifício de Cristo enfatizando o progresso financeiro do membro e dando um novo significado a passagem bíblica de Mateus 19: 16 a 26, ao qual um jovem rico estava a conversar com Jesus sobre o que ele teria que fazer a mais para entrar nos céus, já que os mandamentos ele cumpria corretamente, Cristo pede que deixe toda riqueza para traz como prova de humildade, entretanto, jovem rico recua e prefere sua riqueza, então Jesus profere a

mais famosa frase religiosa do mundo cristão “[...] é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus” (BIBLIA, 2011, p. 1053-1054).

Nas igrejas clássicas esse versículo seria a prova de que humildade, a paciência e a comodidade com a falta de dinheiro seria atributo, sinal de perseverança futura, ou seja, a riqueza estaria certa no reino dos céus, no além-mundo físico.

Já nas práticas da Teologia da Prosperidade essa interpretação muda totalmente, pois o êxito e vitórias são para essa vida e não para além dela, viver em derrotas, cheio de dívidas e mau sucedido se torna sinônimo de pouca fé, de não acreditar nos poderes espirituais. É promessas de libertações e fim do sofrimento terreno, com um discurso e ambiente carregado de emoção, prática que causou muitos descontentamentos entre alguns fiéis, pois essa nova roupagem descaracterizava toda uma rigidez de origem, e precisou quebrar algumas concepções teológicas, como foi citada acima, de que os verdadeiros cristãos seriam pobres e não deveriam se apegar a coisas mundanas, de que nada do que se fizesse em vida teria valor.

Com a teologia da prosperidade também se pode observar a grande revolução no mundo não só pentecostal como também protestante, o que antes era comum ver a missa sendo televisionada, hoje são inúmeros canais e rede de televisões rendidas ao poder do ibope que os pentecostais se atraem. O que antes ocupavam apenas alguns canais de rádios expandiram seus programas para televisões, o mercado da música também deu um salto com cânticos de louvor, rendendo financeiramente não só aos músicos, mais divulgando e modernizando os pentecostais como as igrejas.

Essa nova teologia veio para revolucionar o movimento, para renovar não só as interpretações bíblicas como sua imagem perante o mundo, com grande preocupação em prosperar financeiramente e politicamente, hoje compondo uma bancada significativa no congresso nacional.

Com promessas de que o mundo seria *locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação ao mundo de várias igrejas pentecostais aos valores e interesses do “mundo” (MARIANO, 1999, p.149).

A religião tem grande importância na composição cultural brasileira, num país onde o poder público não consegue suprir as demandas tanto econômicas e sociais da grande massa, a maioria da população já nasce nesse universo religioso aprendendo as regras de como funciona o mundo, em que pese Mariano (1999) ala de membros que se sentem culpados por não gozar de boa saúde, por não serem prósperos e felizes chegando até a esconder suas doenças, justamente por acreditarem que isso decorre de falta de fé.

A questão é que as religiões em sua maioria não criam programas de educação, de informação a respeito do mundo, da política e de ordem social criada historicamente. Seus preceitos estão todos pautados em um plano espiritual desvinculando as obras criadas pelo próprio homem, atribuindo todas as calamidades humanas ao sobrenatural, os sujeitos não conseguem emprego por sua falta de fé no sagrado e obediência em suas leis, ficam doentes por efeito de alguma magia, pessoas infelizes e sem dinheiro é pelo fato de não obedecer alguma lei sagrada, e isso podemos observar nas pregações da Igreja Universal do Reino² de Deus, por exemplo.

Paralelo a isso, a TP tem enfrentado nos últimos anos muitas críticas sobre os apelos financeiros que é feito nos cultos e os pedidos escancarados de dinheiro, imóveis e automóveis, enfim todos os tipos de coisa de valor. Outro fato seria a denuncia de charlatanismo, o caso da Igreja Brasil para Cristo que pregava a cura de enfermidades, promovendo grandes concentrações de membros, fazendo até a ressurreição de pessoas mortas como foi com o líder Manoel Mello, que durante sua liderança nessa igreja foi detido 21 vezes. Outro caso foi o do pastor Edir Macedo que caiu na mídia ao fazer cobranças insistentes de dízimos, desviar recursos e obter enriquecimento rápido, forma vistos pela comunidade externa como um abuso e desrespeito, o que abalou a ética da instituição passando os líderes a serem vistos como espertalhões (MARIANO,1999).

² Igreja universal do reino de Deus. **O dinheiro não deu nem para pagar as contas:** e agora?. 2014. Disponível em: <http://www.universal.org/> Acesso em: 02 out. 2014.

3 GÊNERO E SEXUALIDADE

Este trabalho nasceu no esforço de compreender como se configura o movimento inclusivo dentro da doutrina pentecostal buscando uma introdução temporal histórica e teológica sobre a visão religiosa de gênero e sexualidade, partindo de uma reprodução do ideário feminino no universo mitológico para compreender a construção social da mulher no mundo religioso. De forma que costurando as idéias para o entendimento do processo de alguns conflitos dentro dessas relações foi se direcionando para novas reconfigurações de outros movimentos.

O corpo humano é construído historicamente e socialmente, e além dessas construções cria suas próprias particularidades. Mesmo antes da ciência o indivíduo criava suas próprias explicações através das mitologias e do cosmos. Pensando no caso específico da mulher, ela sempre foi muito imaginada e relacionada, com sua característica reprodutora, as experiências religiosas pareadas com a fecundidade tem sempre uma estrutura cósmica.

A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e nascimento tem uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da terra. A fecundidade tem um modelo cósmico: o da terra Matter, da mãe universal (ELIADE, 2008, p.121).

Essas ideias religiosas que tratam a fecundidade mostram o mistério da geração, criação da vida, criação que é para o homem religioso o mistério central do mundo, pois a vida vem de um lugar desconhecido e vai para outro mais oculto e inacessível (ELIADE, 2008).

De forma que toda sua identidade social foi construída em torno de seu poder gerador, impondo maneiras de se comportar perante o mundo. Beauvoir (2008) ressalta a opressão feminina feita pelos legisladores, que de sagrada ela se torna impura, que quando dada a Adão como companheira acaba se tornando impura, os deuses querendo se vingar de Adão mandam uma mulher para estar com ele, de forma que a mulher é sempre voltada ao mal.

O cristianismo judaico desde o império romano vem impondo uma cultura patriarcal modelando os papéis sociais de homens e mulheres santificando a

opressão masculina e desprezando as capacidades femininas. Na essência do pensamento religioso independente da corrente seguida, a bíblia faz parte da base do pensamento moral.

Em pesquisas sobre a sexualidade humana as formas patriarcais de matrimônio se encontram retratadas desde os escritos do Antigo Testamento, questões como funções sociais a serem seguidos por homens e mulheres vem descrito à partir de Genesis no velho testamento (BIBLÍA, 2011).

Para Kosnik³ (1982), dentro da sociedade patriarcal em Israel as mulheres eram inferiorizadas, o autor relata que no livro de Exôdo (BIBLÍA, 2011) entre os capítulos 17 a 20 a mulher de Jeremias era tratada como um bem do marido, também faz menção que em hebraico a palavra marido significa “possuir”, porém cita que o livro de Deuteronômio (BIBLÍA, 2011) enaltece a mulher, tornando-a como um membro legal da comunidade. Contrariamente Kosnik (1982) observa a afirmação de São Paulo no livro de Atos no capítulo 9 versículo 36 e nos capítulos 15, 16 e 18 (BIBLÍA, 2011), a afirmação de não haver diferenças entre homens e mulheres, descrevendo a importância da mulher como líder e professora, nesse caso não seria uma constância no pensamento geral daquela cultura mas uma expressão contrária daqueles costumes.

A pessoa de Jesus segundo o autor nunca mencionou nenhuma ética sexual a ser seguida, e questões sobre qual papel a mulher deveria atuar sempre esteve ligado aos tabus sexuais, tendo o sêmen uma grande importância e finalidade procriativa deixando na mulher o valor e o estigma de ser receptora, apenas viveiros para reprodução humana (KOSNIK, 1982).

Históricamente encontramos mulheres que se destacaram pela luta contra exclusão e discriminação, como aconteceu no ano de 195 d.C, mulheres se dirigiram ao Senado Romano para protestar contra a proibição do uso do transporte público sendo obrigadas a fazerem suas tarefas a pé. Também e já na Idade Média onde grande genocídio ocorreu em nome de Deus , perseguições conhecidas como “caça as bruxas”, a própria igreja que exaltava Maria como uma grande mulher, denegria a Eva como responsável pela queda e desobediência de Adão, estigmatizando o sexo feminino como fonte de malefícios (ALVES; PITANGUY, 1985).

Perseguindo as “feiticeiras”, como forma de continuidade clara pela

³ Anthony Kosnik é um teólogo e coordenador do livro *A sexualidade humana: novos rumos do pensamento católico americano* publicado em 1982 no Brasil pela editora Vozes. (KOSNIK, 1982).

manutenção do poder masculino, ou seja, mulher que pudesse possuir algum tipo de conhecimento poderia escapar do domínio masculino.

Outro elemento importante apontado na construção do papel da mulher foram os próprios discursos médicos como no caso de Ambroise Paré, que vê o corpo da mulher inferior ao do homem, que seus órgãos as transformavam em seres disformes e frios encontrando com as falas religiosas legitimando a perseguição masculina sobre o sexo “fragil”(ALVES; PITANGUY, 1985).

3.1 Movimentos Contra Desigualdades de Gênero

Essa repressão e desigualdade de gênero levaram ao ato de que muitas mulheres e outras classes reprimidas a luta pela mudança e inclusão, sendo essas lutas a essência de inspiração para os questionamentos e construção desse novo movimento religioso que é a Teologia Inclusiva. Com certeza as grandes revoluções políticas econômicas mundiais abriram espaço a muitas discussões. A razão e a ciência passaram a ser respeitadas enquanto formas de saberes tirando o foco somente do religioso.

Na América do Norte surge a pessoa de Anne Hutchinson (1591-1643), uma norte-americana religiosa, uma voz que além de pregar suas convicções religiosas, apimentava a comunidade local com seus discursos de igualdade entre homens e mulheres, que não tinha diferença perante Deus, indo contra a visão calvinista de superioridade masculina. Foi altamente criticada pela sociedade da época, considerada mais pastora do que ouvinte e mais marido do que esposa sendo condenada em 1637 ao banimento por suas ideias subversivas (ALVES; PITANGUY, 1985).

Com a ascensão da razão, ciências e revoluções pelo mundo a participação política das massas se intensifica e nos Estados Unidos ficaram marcados pela Declaração de Independência de 4 de julho de 1776 declarando que: “Todos os homens foram criados iguais.” Abigail Adams (1744-1818) esposa de um líder da Guerra de Independência escreve uma carta ao marido dizendo sua esperança de que as mulheres serão lembradas e que terão generosidades pelo público masculino e se não fossem atendidas iriam se rebelar até terem voz e representação. Em resposta a sua carta John Quincy Adams (1767-1848) bem sarcástico diz rir da nova proposta da esposa, ele comenta que com a conquista da independência foi

afrouxado seus laços autoritários dando espaço de rebeldia e voz para crianças, escolas e universidades, índios e negros serem insolentes com seus patrões, guardiões e senhores. Ele reconheceu que a luta das mulheres era um movimento numeroso e poderoso porém, que o sistema masculino não iria acabar (ALVES; PITANGUY,1985).

Assim como na França neste mesmo século nas Américas o processo revolucionário de luta contra essa violenta repressão assume um discurso próprio, as francesas vão até à Assembleia Legislativa reivindicar a mudança das leis onde os maridos tinham direitos absolutos sobre o corpo da mulher e os bens sendo isso incompatível com as ideias da Revolução Francesa. Um nome significativo dessa época foi também o da escritora Olympe de Gouges (1748-1793) conhecida como revolucionária e defensora das causas feministas, com críticas violentas sobre a situação da mulher indo contra o ideário liberalista burgues. Acabou sendo condenada e guilhotinada em 3 de novembro de 1793 acusada de querer ser um homem de Estado (ALVES;PITANGUY,1985).

No campo acadêmico na contemporaneidade está uma teoria que veio para questionar até o próprio feminismo e os movimentos LGBTs, a Teoria Queer nascendo nos Estados Unidos em meados dos anos 80. No início criou um pouco de tensão com as Ciências Sociais ao mesmo tempo que certa afinidade, já que essa corrente iniciou sua reflexão e questionou o tratamento da ordem social heterossexista ao qual as Ciências Sociais não se desvinculavam de suas reflexões e teorias sobre gênero, em que pese, construíam afinidades na compreensão da sexualidade também partindo do pressuposto de que ela seria uma construção social e histórica (MISKOLCI, 2009).

Miskolci (2009) destacou a pesquisadora Teresa Laurents como umas das primeiras empregadoras da denominação Queer em seus discursos e escritos como uma bandeira política já que esse termo era usado por alguns da sociedade para denegrir e humilhar, conotando algo desviante e ruim.

3.2 Cristianismo Queer:

Já na década de 90, citamos Judith Butler, uma filósofa a pós-estruturalista e pensadora dos questionamentos feministas, Queer, política e ética das quais em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*

(BUTLER, 1990) trás uma reflexão sobre a luta política feminista em torno da autonomia e igualdade da mulher. A autora fala de um ponto positivo na luta política do movimento feminista na busca pela visibilidade e legitimidade utilizando o método de normatização da linguagem. Porém, Butler (1990) observa que a linguagem pode tanto distorcer quanto revelar o que é encarado como verdadeiro na categoria do universo feminino, foi um método necessário segundo a filósofa para visibilidade da mulher, porém com um tempo passou a ser questionado porque o sujeito mulher não se caracterizava mais por serem estáveis e permanentes como até aquele momento era visto e entendido.

A pesquisadora e comentarista dos estudos de Butler, Salih (2012) interpreta e descreve como sexo, gênero e sexualidade, não tem necessariamente uma relação mútua, pois o fato de alguém biologicamente nascer mulher não quer dizer que ela terá desejo por homens ou ações que remetem somente a mulher dos quais o mundo heteronormativo exige. O “sexo” segundo a interpretação de Salih é culturalmente construído assim como gênero, de maneira que não existe distinção entre eles, pois ambos são construídos socialmente, numa sociedade heterossexista, essa separação de papéis seria para perpetuar a forma heterossexual de pensar o mundo. Nesse sentido afirma Butler:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 1990, p. 24).

Portanto, são lutas que marcaram história como representação da luta individual do Ser e pela liberdade de ser, pela busca de visibilidade e respeito entre os indivíduos dando abertura para reflexões sobre como se constrói uma pessoa e as consequências das diversas formas de exclusão por razões de diferenças entre as pessoas por conta de um padrão estabelecido dos quais os sujeitos e suas subjetividades não dão conta de papéis estabelecidos socialmente. Encorajando não só as mulheres mais todos os grupos que são marginalizados por não se encaixarem a padrões estabelecidos tanto de identidades de gênero quanto étnicos a lutarem pela liberdade de ser.

A tentativa frustrada de padronização só causou aos indivíduos violentas

tensões e conflitos, porém se tornou possível discutir e lutar por uma sociedade mais humana e diversa viabilizando reflexões sobre gênero, novas problemáticas e teorias impulsionando vários movimentos sociais que gritam não só pela mulher mais pelo olhar do próprio conceito do que é ser mulher e as várias formas de ser humano.

Dentre essas grandes mudanças e novas discussões sobre gênero e sexualidade entra nos cenários acadêmico e político a compreensão da homossexualidade. Nos séculos XIX e XX a visão sobre o homossexual tinha grande influência da visão médica e patológica, buscando uma higienização e cura desse tipo de orientação, porém, mais tarde, na década de 70 surgem estudos nas áreas de Ciências Sociais com abordagens teóricas a respeito dessa temática, ligados à mudanças políticas no Brasil nesse sentido (MUSKOPF, 2012).

Segundo Facchini (2005) os movimentos homossexuais se organizaram politicamente a partir da década de 70. O primeiro grupo reconhecido seria o *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, de São Paulo, fundado em 1978 logo após rebatizados por *Somos*, a princípio constituído somente por homens foi um grupo importante historicamente por sua grande visibilidade, tendo sua primeira aparição pública a partir da emissão de uma carta endereçada ao Sindicato dos Jornalistas. Após a participação do debate ocorrido na USP (Universidade de São Paulo) sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados sua constituição puramente masculina se mescla com membros femininos dando novas contribuições para o grupo, além de que, após esse evento dois novos movimentos incrementavam o cenário de discussões formados pelos Eros e Libertos.

Facchini (2005) ainda reitera que com esse evento além do surgimento e aparecimento de novos grupos, a questão homossexual obteve destaque produzindo espaços para movimentos posteriores nas décadas de 80 e 90 com diversas reivindicações e subjetividades. A ONG 'Caehusp' era um grupo que realizava a sociabilidade entre os homossexuais dentro da Universidade de São Paulo no início dos anos 90, passando de um espaço para várias discussões acadêmicas sobre o homoerotismo até um grupo de militância gay dentro do Cehusp (Centro de Estudo Homoeróticos) da USP caracterizado como um grupo produtor de bastantes seminários, assim sendo, revistas e debates tinham pleno apoio da instituição.

Entre os anos de 1997 e 1999 alguns integrantes da ONG iniciaram uma comunidade com perspectivas religiosas para gays de forma que por um tempo a

ONG deixou suas atividades para serem realizadas reuniões dessa comunidade intitulada como *Comunidade Cristã Gay* até inaugurarem sua sede no centro de São Paulo (NATIVIDADE apud FACCHINI, 2005).

Através dessas muitas organizações e movimentos abriu-se espaço para diversas discussões acerca de discriminações e violências sofridas pelos gays e lésbicas, saindo dos campos econômicos e de saúde pública para o universo religioso criando novas reflexões. Exemplificando a ONG *Caehusp* e posteriormente o *Grupo Corsa* criado em 1995, que cedia em sua sede a APTA- *Associação para Prevenção e Tratamento da Aids* para realização de reuniões da *Comunidade Cristã Gay*. Lembrando também de um meio de comunicação importante no final das décadas de 70, início dos anos 80, o jornal impresso chamado: *Lampião da Esquina*⁴, um patrimônio histórico-político do país de esquerda que tratava do cotidiano e verdades dos indivíduos homoafetivos. Seus principais expoentes foram os autores e romancistas Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan e João Antonio Mascarenhas tendo também participações de professores universitários (FACCHINI, 2005).

A edição da revista “Lampião da Esquina” de maio à 25 de junho de 1978 (SILVA, 1978) retrata a história do padre Antonio Roing Roselló, da Ordem das Carmelitas Descalças, o religioso assumiu sua homossexualidade e passou a reivindicar o direito de continuar sendo padre. Na época foi proibido de rezar a missa e ouvir confissões, além de sensurado de falar sobre sua própria sexualidade até que fosse “curado” de forma que pudesse voltar ao seu cotidiano eclesástico, em seu desabafo, Antonio relata sua luta e desejo de liberdade em poder praticar sua espiritualidade. “*Nós acreditamos que os homossexuais são membros do corpo místico de Cristo, englobados entre as pessoas de Deus*” (SILVA, 1978, p. 7).

Nessa entrevista o padre cita o movimento religioso norte americano surgido no ano de 1968, com programas espirituais e sociais buscando uma integração e naturalização do gay no meio religioso, desestruturando as igrejas habituadas a marginalizar as práticas homoeróticas. Essa organização citada chama-se *Dignity* e segundo o jornal lutavam em prol de direitos dos homossexuais americanos em

⁴ SILVA, Aguinaldo (Coord.). Confissões de um carmelita descalço. **Lampião da esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7, maio/jun 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/05%20-%20LAMPIAO%20DA%20ESQUINA%20EDICAO%2001%20-%20MAIO%20JUNHO%201978.PDF>> Acesso em: 23 set. 2014.

participarem com igualdade nos ritos religiosos sem precisarem mudar suas identidades.

Esses movimentos nacionais tiveram grande importância no cenário político LGBT , grande parte inspirados pelos movimentos políticos contra ditaduras e outros internacionais como a *Revolta de Stonewall* de 1969 gritando pela visibilidade do homossexual e tratamento igualitário.

3.3 Teologia e Sexualidade:

A teologia Queer irá questionar bastante sobre a construção bíblica do indivíduo homossexual, ela irá fazer um estudo histórico das escrituras buscando uma reinterpretação mais humana dos relatos sobre a presença e conduta do ser homossexual na antiguidade e tentar retirar ao máximo misticismos durante a trajetória de sociedades conviventes com pessoas homoafetivas. No campo das Ciências Sociais pensar no nascimento de discursos homofóbicos como tabu é preciso pensar em como a sociedade lida com sua própria sexualidade, e nesse aspecto um intelectual importante para ajudar pensar a questão seria Michael Foucault (1926-1984) que em seus estudos percebeu que a partir dos séculos XVII com a burguesia da época, o sexo se tornou algo necessário de certo domínio e controle. Portanto, entendeu-se a necessidade de domínio desse assunto no plano da linguagem, do discurso, pela intenção do controle. Mais ou menos como uma política de palavras onde se libera de um lado e restringe de outro (FOUCAULT, 2003).

Existiram-se discursos que foram proferidos pela igreja na Idade Média, criando regras para sociedade da época até então. De maneira que para a manutenção do poder criado em torno do conceito de pureza exigiam confissões detalhadas e rigorosas do ato sexual praticado pelos indivíduos (FOUCAULT, 2003).

A pastoral inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra. A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras de torna-las moralmente aceitável e tecnicamente útil (FOUCAULT, 2003, p.24).

A igreja buscou através do discurso delimitar, controlar, moralizar o sexo,

assim como a sociedade burguesa criando regras e padrões, uma técnica de manipulação. Técnica que se estendeu para o século XVIII, onde surgem as grandes revoluções, assim sendo, o aumento populacional concentrado.

Novas configurações, novas preocupações: Controle de natalidade, alimentação para todos, moradia, trabalho, taxas de nascimento, casamentos etc.

Para Foucault (2003) a economia política se tornou uma teia de observações sobre o sexo, condutas, determinações e efeitos. Discurso morais e religiosos, campanhas que misturam economia junto com o biológico, o comportamento sexual passa a virar conduta política econômica. Outra contribuição sobre o tema foram os estudos de Mead (2006) sobre a divisão sexual do trabalho e sistemas de parentescos nas culturas Arapesh, Tchambulie e Mundugumor dos quais as práticas que em nossa sociedade são consideradas totalmente masculinas, nessas sociedades são feitas e aceitas por ambos os sexos, discussões que refletem como as atividades praticadas em grupo refletem nas ações individuais.

Em seu livro *Sexo e Temperamento*, Mead (2006), inicia sua observação da cultura Arapesh ressaltando que homens e mulheres podem até fazer coisas diversas, mais por razões iguais, não existem motivações específicas do masculino e outra do feminino e sim do coletivo, sem uma supervalorização do masculino.

Na parte da divisão do trabalho as atividades que para nós são exclusivamente masculinas, as mulheres Arapesh executam sem problemas, assim como os homens cuidam dos filhos igualmente e preparam as refeições cerimoniais (MEAD, 2006).

Não se exige das crianças menores um comportamento diferente para com as crianças de seu próprio sexo e do sexo oposto. As de quatro anos de idade podem rolar e dar cambalhotas juntas no chão, sem que ninguém se preocupe com o contato corporal que resulte. Isso desenvolve nas crianças uma fácil e despreocupada familiaridade com os corpos de ambos os sexos. Não há pudor que complique e, e troca o contato cálido e total adquire maior valor (MEAD, 2006, p.69).

Portanto, desde a infância a questão de valorizar mais um sexo que o outro não criou-se tradição nessa sociedade, ou seja, foi valorizado a importância que cada indivíduo tem para a sobrevivência daquela cultura. Nas sociedades Tchambuli homens desenvolvem trabalhos como artes, elaboração de trajes, máscaras, envolvimento com música, revelando as particularidades de como cada

sociedade determina as atividades do grupo, interpretando também que nas culturas Arapesh e Mundugumor não existe o gênero com mais força social que o outro, tanto o homem como a mulher possuem a mesma importância (MEAD, 2006).

São estudos esses que inspiraram Movimentos Feministas e LGBTQTS na essência de questionamentos sobre as construções de gênero existentes nas culturas cristãs ocidentais, de maneira a influenciar vários estudos e várias teorias sobre o próprio conceito de gênero. O teólogo Musskopf (2012) afirma que a partir do momento em que novas formas de pensar e representar as relações entre pessoas do mesmo sexo emergem no âmbito do discurso homofilo, abre-se a possibilidade para novas reflexões no campo da teologia e da religião.

3.4 Igrejas Gays no Brasil

Os primeiros passos dado para criação de grupos religiosos voltados para o público homoafetivo foi dentro da Universidade Estadual de São Paulo no Caehusp (Centro de Estudos Homoeróticos da USP), local de reuniões e debates acadêmicos que por um tempo foram suspensos as atividades rotineiras para apoiar a formação de uma comunidade Cristã Gay, grupo esse nascido de questionamentos sobre preconceitos que as Igrejas tradicionais exerciam sobre homossexuais, fundada por Elias Llika. No ano de 1998 os pastores dessa comunidade foram ordenados pelo pastor Nehmias Marien da Igreja Presbiteriana de Betsda (RJ), de doutrina tradicional, cuja a crença era no amor incondicional sem fronteiras com etnias ou sexualidades. A ordenação foi encarada como a defesa de um encontro realizado em Viçosa, Minas Gerais pelo CPPC (Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos) que se reuniram para defender a possibilidade de cura do “*homossexualismo*”⁵.

A partir dos anos 2000 houve tentativas de introduzir a Igreja da Comunidade Metropolitana no Brasil, uma igreja criada pelo reverendo Troy Perry nos Estados Unidos no ano de 1968 na cidade de Los Angeles. Suas tentativas se concretizaram no ano de 2002 na cidade do Rio de Janeiro e logo após nos municípios de Porto Alegre, Fortaleza, Natal, Vitória, Belo Horizonte e São Paulo (NATIVIDADE, 2010).

⁵ Para saber mais sobre a matéria ver: Precusores faziam culto em boate. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [n.p.], 21 jun. 1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff21069819.htm>. Acesso em: 26 out. 2014.

De maneira que foram ações importantes para a militância religiosa do país no que se refere a abertura de caminho para muitos outros grupos que posteriormente vieram a se abrir.

Voltando a lembrar dos movimentos sociais e meios de comunicação LGBTs que tiveram grande contribuição na abertura de discussões sobre o cenário religioso, como o jornal *Lampiao da Esquina* de 1978 (SILVA, 1978), um ensaio chamado: *Confissões de um Carmelita Descalço*, ao qual o padre Antonio Roig Roselló da Ordem dos Carmelitas Descalços confessa sua homossexualidade e luta por seu direito de continuar sendo padre. Ou seja, uma reivindicação de visibilidade enquanto sujeito, cidadão de direitos e não como o “homossexual” .

Por conta de sua confissão sofreu várias sanções e punições como a proibição de rezar a missa, de forma que, escreveu um livro intitulado *Todos los parques no son um paraíso: memorias de um sacerdote* (ROSELLO, 1977) passando um pouco de humanidade ao qual lhe foi retirado. O padre cita a mentalidade judaica que domina a bíblia julgando e violentando os homossexuais a séculos, dizendo que seu livro questiona a doutrina levada pela Igreja acerca da sexualidade das pessoas e sua falta de conhecimento antropológico por parte da mesma. O ensaio também cita uma organização norte americana fundada em 1968 em San Diego, California que na época tinha uma representatividade em mais de 50 cidades americanas, com intuítos espirituais, educacionais e sociais afirmando que os homossexuais também faziam parte do corpo místico de Cristo.

A partir da explosão da Aids no Brasil e os movimentos sociais norte americanos quanto LGBTs e Feministas brasileiros houveram uma abertura pública com questões de sexualidade, não só do tema, como maior visibilidade dos sujeitos vivendo o que antes era só no universo particular. As igrejas foram obrigadas a discursarem mais sobre a vida sexual das pessoas, na maioria das vezes de forma repressora no entanto , exteriorizando o que era considerado tabu, tanto igreja quanto movimentos sociais tiveram que repensar as várias formas que se podem construir os sujeitos.

4 HISTÓRIA DA CIDADE DE REFÚGIO

A religião surgiu no cenário nacional na data de 03 de junho de 2011 em São Paulo-SP pelas pastoras Lanna Holder e Rosania Rocha, a pastora Lanna se converteu ao Protestantismo aos 21 anos de idade. Logo após sua entrada no mundo religioso resolveu ser uma missionária dizendo que foi tomada pelo fogo do espírito santo de forma que através de seu extrema carisma e eloquencia conquistou milhares de pessoas, fiéis de várias denominações se tornando um fenomeno religioso. Rosania, nascida em Minas Gerais, desde cedo desenvolveu o talento da musica, em especial o canto, foi para os Estados Unidos quando mais jovem se dedicar ao ministério de louvor da denominação que participava na época por dez anos chegando ao topo do reconhecimento gospel norte americano como uma representante do ministério brasileiro por lá⁶.

Não afirmam levantar bandeiras política, não se fundaram com uma característica de movimento social a princípio, mesmo porque a igreja tem muito dos princípios de suas fundadoras, voltada mesmo para a religiosidade e exaltação desse pressuposto. Pregam a não aceção de pessoas usando em um de seus panfletos de divulgação a seguinte frase: “A Teologia Inclusiva é um ramo da teologia que explica a inclusão, seja ela de negros, mulheres ou homossexuais.”

Através de contato por email com a pastora Lanna Holder perguntando sobre o posicionamento da igreja diante da politica e se eles se consideravam também como um movimento LBGT, no sentido de orientar seus membros a respeito de seus direitos e de participação ativa pela busca de direitos civis, ela responde:

A Igreja em si, independente de ser ou não inclusiva, intermedia questões de âmbito, político e social, mesmo que não queria assumir a responsabilidade ou se isentar da mesma. A questão está em como se posicionar diante de uma política publica tão manipulada? Esse é o desafio da Igreja. Ainda que muitas Igrejas estejam levantando representantes para estarem dentro da bancada e no congresso, a intenção não deve estar pautada em militar em causa própria, mas em causa pátria. O Brasil precisa de uma reforma constitucional e sob que motivações elas serão feitas vão estar pautadas na base motivacional dos que lideram a nação. Não tem como a Igreja se isentar diante da política, mas ela não pode se envolver vendendo seus valores e barganhando seus princípios em prol de interesses próprios. A Igreja deve sempre buscar o interesse em prol dos valores de todos os povos desde os menos abastados aos mais excluídos.

⁶ Comunidade Cidade Refúgio. **As pastoras**. 2014. Disponível em: <http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/pastoras/> Acesso em: 02 out. 2014.

Foi assim com a escravidão e com os direitos das mulheres e será assim com os homoafetivos quando ela se posicionar em misericórdia por estes. Não lhes oferecendo privilégios, mas uma devida igualdade social. Martin Luther King era um pastor e pastoreava em prol dos negros e dos brancos. Os direitos que ele lutava, para os negros não iriam desclassificar os brancos mas trazer a todos uma política de igualdade social que iria conduzi-los a um direito de cidadania plena e não parcial. A igreja não é um movimento anto-sincretista, ela é muito mais do que isso. Ela é a inclusão de todos os povos, mulheres, negros, homossexuais, anões, deficientes, ou todo aquele que por alguma diferença de ser que a sociedade não compreenda esteja excluído do contexto de ser nele. Não somos um movimento LGBT, somos muito mais que qualquer movimento. Nos movemos não pelo conceito de igualdade social, mas por um conceito de igualdade do que não é passageiro, a Eternidade. Espero que tenha ajudado no que precisa. Que Deus em Cristo Jesus continue te abençoando. Nele que temos um refúgio. Pra Lanna Holder (HOLDER, 2014).

Nessa afirmação a pastora nega totalmente a importância dos movimentos sociais e luta política para a conquista de direitos, ela parece desconhecer todo o processo de conquista dos movimentos das mulheres e LGBTs que possibilitaram uma certa abertura social para liturgias gays. Não questiona o porque a política é tão manipulada afirmando que a ocupação de uma cadeira parlamentar seria militar em causa própria. É de extrema incoerência sua fala e abstenção política, negando todo o processo histórico de movimentos que impediram reações de extrema repressão a liberdade de religião.

O nome Cidade de Refúgio faz menção a cidades na época do velho testamento, numa época em que foi estabelecido pela lei do profeta Moisés sobre quem cometesse algum crime, pelo mesmo crime teria que ser punido, ou seja “*olho por olho, dente por dente.*” De acordo com uma análise histórica feita pelas pastoras, só existiam aldeias, e as cidades que foram construídas tinham como características grandes muralhas, Deus ordenou que essas cidades eram para aquelas pessoas que tivessem cometido homicídios culposos, ou seja, sem intenção de matar. Portanto, as Cidades Refúgio, escondiam e protegiam aqueles que não tinham culpa de seus crimes evitando que algum familiar de sua vítima pudessem cobrar da morte praticada.⁷

A CR na atualidade está presente além de São Paulo em mais quatro

⁷ Comunidade cidade de refúgio. **As cidades de refúgio**. 2014. Disponível em: <<http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/as-cidades-de-refugio/>> Acesso em: 02 out. 2014.

idades, todas de grande porte e tendo o mesmo padrão estrutural como cantinas, livrarias, vestiários e salão social.

Figura 1- Sala dos Cultos



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2 - Livraria



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3- Cantina



Fonte: Arquivo Pessoal

A igreja depois de estabelecida criou uma ONG- *Mãos em Ação*⁸ com a intenção de ajudar pessoas com traumas psíquicos, rejeições, agressões físicas, verbais e homofóbicas. Ela se prepara para receber pessoas traumatizadas, com os mais variados problemas, dificuldades financeira, saúde, psicológica, familiar e de convinecia social, pessoas marcadas pelo preconceito social.

4.1 Primeiro Culto em Londrina

O primeiro encontro com a CR no Hotel Sumatra localizado a rua Senador Souza Naves, 803 - Centro, Londrina foi em sua inauguração na cidade no dia 26 de Abril de 2013 as 20:00hrs.

Achei que não teriam muitas surpresas já que havia assistido outros encontros em outra denominação inclusiva de Londrina, porém, ao se aproximar do salão de eventos percebi a grande estrutura que a Refúgio possuía. Na entrada de acesso ao corredor da sala de eventos um enorme tapete vermelho que direcionava até o salão onde seria o culto, o ambiente interno decorado de forma bem requintada, com cores claras nos ornamentos e nas flores, cadeiras em posições que chegaram bem perto de um salão religioso; logo na recepção tinham pessoas muito bem vestidas que davam as boas vindas ao público, pessoas nada

⁸ Comunidade cidade de refúgio. **ONG – Mãos em ação**. 2014. Disponível em: <<http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/ong/>> Acesso em: 02 out. 2014.

convencionais ou tradicionais aos olhos mais ortodoxos; o salão tinha o formato de um teatro com o palco elevado com cortinas e holofotes na parte superior do teto.

Aparelhagem de som e multimídia modernas, comundo de bateria, baixos, guitarras, teclados e percussão; tendo um grande telão na parte de baixo do palco onde se encontravam os participantes sendo que do outro lado ficavam a mesa com computadores e multimídias nos controles da luz, letras dos hinos e o som.

Figura 4- Multimídia



Fonte: Arquivo Pessoal

As pessoas chegavam de forma tímida, parecendo encantadas com tudo que estava encontrando, membros bem despojados e educados. No horário marcado das 20:00 hrs iniciou o culto, coral muito bem preparado e cantores de níveis profissionais. Deram o prelúdio da reunião com cânticos bem harmonizados, combinados com dança representada por um bailarino localizado frente ao palco. Nitidamente percebia-se pessoas emocionadas, Rosania Rocha fazia alguns solos permitindo entender o porque representou o Brasil nos Estados Unidos, harmonizando mais ainda o ambiente para o que seria a primeira pregação feita por Lanna Holder.

Chegado o momento quando Lanna inicia sua pregação, ela conta um pouco a história da igreja, sua fundação e como conheceu sua companheira Rosania Rocha; dá uma introdução das doutrinas da igreja e o que ela espera da cidade de

Londrina. Pregação com música ao fundo, sempre com alguns intervalos de muita música e animação, discurso sem excessiva ênfase no dízimo, porém, não deixaram de dizer e passar a importância dele para continuidade do trabalho na igreja. Praticamente todos os membros que vieram de São Paulo para a inauguração em Londrina tinham uma função na hora do culto, uns recepcionavam, outros cuidavam das aparelhagens multimídias, dança ou participação na banda e coral, todos com um semblante de muita alegria e satisfação, de forma que esse entusiasmo parecia passar certa segurança à liderança.

Lembrando citação de Weber sobre a importância desse carisma na comunidade.

[...] e além desses auxiliares permanentes, que colaboram activamente na missão do profeta e que, na maior parte das vezes, têm também eles alguma qualificação carismática, existe o círculo dos adeptos, que o apoiam, proporcionando-lhe alojamento, dinheiro, serviços, e esperam que a sua missão lhes traga salvação (WEBER, 2006, p.103).

Fato interessante foi que logo nesse primeiro encontro, depois de uma última pregação com muita emoção, Lanna fala das dificuldades, preconceitos e sofrimentos que o homossexual sofre, afirmando que Deus aliviaria todo aquele peso, sem que os presentes ali tivessem que mudar suas identidades, mostrando uma pregação inclusiva e solidária com o universo gay, inserindo esses sujeitos ao mundo sagrado. Alguns visitantes transpareciam expressões sofridas, ao se depararem com tanto respeito, receptividade e apoio de um ambiente em que sempre foram excluídos não foram poucos os emocionados e comovidos com todo aquele discurso e ambiente.

Essa essência carismática carregada pelas líderes da CR, consciente ou não passam segurança e força aos frequentadores, Weber (2006) interpreta isso como uma tarefa de prender uma nova doutrina que de certa forma está triunfando, delimitar o que a partir de diante é ou não sagrado, colocando isso na mente das pessoas que muitas vezes são leigas, assim conseguindo sua dominação. Com certeza pastores usam e praticam técnicas de oratória e falar em público, sabem quais os problemas que hoje atingem a maioria da população gay ou não e isso facilita muito o exercício do carisma.

Anunciado o momento final da reunião, chamando todos para a última

oração, o som tocava ao fundo permitindo a todos os visitantes uma leve meditação e um leve êxtase sendo que, no momento final da oração todos são convidados a aceitarem Jesus Cristo e participar da Cidade de Refugio em Londrina. E incrivelmente muitas pessoas foram até o altar, sentindo certa resistência decidi ir também ao entanto, a partir desse ato percebi outro tipo de atenção comigo, senti fazendo parte daquela comunidade, mesmo que preocupada com tudo que viria pela frente e o que eu estava representando.

[...] A meu ver o impacto profundo da pesquisa de campo sobre o etnólogo ainda não recebeu a atenção devida. Uma evidencia de sua complexidade está na frequência com que antropólogos renunciam à pesquisa, antes ou logo após o seu início (PEIRANO, 1995, p. 49).

E com todos os questionamentos sobre ética frequentei algumas reuniões e atividades durante o ano. Naquela semana até o próximo culto de inauguração do novo templo tínhamos a tarefa de ajudar no término da organização e limpeza do lugar, que na época era na Rua Benjamin Constant, 1455 coordenado pelas pastoras Edy e Cris. Ao ajudar nessa semana na igreja, fui conhecendo alguns membros de São Paulo e Londrina que já frequentavam a sede. Os membros mesclavam-se bastante compostos de jovens, jovens adultos e da terceira idade, pessoas que se demonstravam bem alegres e animadas por terem um local para exercerem suas espiritualidades⁹.

4.2 Igreja Gay e Pentecostal

Os dias em que mais participava eram aos sábados e domingos nos cultos, em algumas cerimônias participava durante a semana. Sempre começavam as 18h30m, cantavam sempre muitos louvores antes dos sermões. A cerimônia seguia o estilo pentecostal, uma liturgia bem tradicional com orações fervorosas e altas, e às vezes durante os cânticos aconteciam à glossolalia. Certa noite, o culto contava com bastante gente, a pastora pediu que fosse a frente quem quisesse oração, quem estivesse interessado a se entregar para Jesus, e durante essas orações uma moça pareceu entrar em transe, ficando bem agitada demonstrando sem controle

⁹ Dias 01 a 24 de abril de 2013 em que todos estavam empenhados na organização e limpeza do novo templo em Londrina. Dias participados nos cultos depois da inauguração em Londrina 26,27 de abril; mês de agosto em todos os domingos e 01 de setembro de 2013. Todos os cultos dando início às 18:30Hrs até as 21:00Hrs. Dias das semanas 07 e 14 de agosto de 2013 das 19Hrs às 21:00Hrs.

físico, a pastora colocava as mãos em sua cabeça orando e expulsando algo, chamando nas falas “espírito maligno”.

As músicas tocadas eram todas do repertório evangélico em geral, cantores comuns nesse meio, nos cultos da semana na maioria das vezes utilizavam *playbacks* e nos finais os músicos e pessoas do coral cantavam ao vivo, pois no domingo em especial apareciam mais visitantes, então os cultos eram mais incrementados. Sempre no primeiro domingo do mês acontecia a Santa Ceia, onde comiam o pão e bebiam o vinho em lembrança do sacrifício de Cristo, nesse ritual não eram tão exigentes quanto à obediência do membro para participar, era dito que quem quisesse partilhar e se arrependesse dos erros no momento da ceia poderiam comer e beber.

Figura 5- Dia de Ceia



Fonte:

Redes

Sociais

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.201182326723320.1073741861.117254758449411&type=>

Faziam vigílias em locais afastados da cidade, lugares no campo e que lembrasse um monte, lá faziam orações em jejum, recebiam o Espírito Santo, uma espécie de ritual que levasse um contato mais direto com Deus, as pessoas pareciam incorporar algo, caíam no chão, choravam e se diziam cheios de espírito. Tinham encontros chamados de Avivamento na igreja, porém as pessoas entravam em transe através da música, dança e orações.

Nos sábados os cultos pareciam ser mais leves, sem tantas cobranças com relações a condutas e doutrinas, eram mais voltados para questões do cotidiano familiar. Tinham cultos dos Jovens, voltados para o público frequentadores das baladas, falando da importância do evangelho como guia das atitudes e caminhos escolhidos, das ilusões do mundo juvenil com relação ao mundo.

Reuniões de “intercessão”, feitos para interceder pela população da cidade e pelo sucesso da igreja; cultos voltados as famílias pertencentes a igreja, ou seja, o conceito de família para CR seriam casais que se oficializavam legalmente.

Os frequentadores da igreja eram divididos entre homens gays e poucos eram casados, tinha uma travesti que frequentava esporadicamente, mulheres em sua maioria solteiras, um casal apenas de mulheres casadas. Os membros possuíam em sua maioria nível superior de educação e trabalhavam como autônomos ou em empregos bons, tinham alguns que buscavam melhores salários, porém, o nível econômico geral era bom, ao todo a média de frequentadores naquele início foram de 30 membros mais ou menos. A vida religiosa anterior dessas pessoas eram de origem evangélica ou espírita, não conheci nenhum ex - católico.

Um hábito recorrente nos cultos é o discurso contra as religiões afro-brasileiras, demonizando suas práticas e rituais, atribuindo os acontecimentos negativos a possíveis magias de origem Umbandista ou Candomblecistas feita por terceiros, motivado por invejas, raiva ou qualquer outra motivação. A CR tem muito do passado religioso de suas líderes, essa característica mais rígida da doutrina e crítica á religião afro se percebe no histórico de sua liderança, eles se preocupam ao máximo com a imagem de seus templos, toleram fumantes mais incentivam parar, não aceitam pessoas fumando em frente da igreja enquanto conversam ao fim dos cultos, palavrões, gírias do mundo gay também não são bem vistos, mesmo que surpreendentemente às vezes saiam piadas sobre gay no púlpito em momentos de descontrações.

4.3 Sexualidade Reproduzida

Algo percebido durante a pesquisa é que a liderança criou uma página na internet com dicas e instruções sobre pastorado, como os pastores da igreja devem se comportar, estudos bíblicos, casamentos dentro da igreja, namoro na igreja, curso de pastor dado por outras igrejas tradicionais, formação em Teologia, igreja na

internet, plano de saúde vinculado a igreja, enfim muitas dicas de como estar dentro da comunidade e ser um poderoso fiel, um mundo a parte.

Evidenciando a interessante e incoerente instrução sobre namoro, sexo e casamento, a CR possui impressos para vender, a revista chamada *Namoro: como saber quem é a pessoa certa?* Coordenada por Lanna Holder. Esse registro de preceitos ensina e sugere aos participantes e a quem interessa como devem ser as atitudes de um convertido. Entretanto, o que surpreendeu bastante foi que essa cartilha se refere o tempo todo a casais heterossexuais, partindo de uma lógica cultural extremamente machista.

A igreja se declara uma comunidade não preconceituosa e separatista dos heterossexuais, porém, nessas instruções não tinham nenhuma construção e instrução de convívio sobre relações que coubessem na realidade dos próprios membros ali presentes. A exemplo disso cita uma delas em que aconselha observações a serem tomadas pelas moças e rapazes na hora de escolherem seus pares. Para as moças a instrução seria olhar a vida financeira do rapaz, se ele é mentiroso, vive pedindo dinheiro emprestado se acorda tarde, se participa da vida na igreja indo visitar as casas fazendo orações.

A mulher tem que ser submissa ao marido, sendo ela uma representante mais sensível que o marido. O homem ser forte e independente financeiramente, podendo administrar sua família sozinho, procurar uma moça prendada, ou seja, se ela tem dotes de dona de casa, não devendo maltratá-la mais ter a capacidade de ser o provedor da casa, protegendo, sendo amigo, companheiro e um bom pai. De modo que seguindo tais instruções é uma chance do casamento ir bem.

Nesse aspecto tem grande semelhança com a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) ao qual Natividade (2010) pesquisou, e o retrato relatado sobre essa santificação e postura em torno dos praticantes é muito próximo à visão da CR.

A etnografia apontou a construção de um modelo específico de homossexualidade , conjugando as idéias de respeito e igualdade entre homossexuais e heterossexuais ao tema 'vida cristã'. A afirmação de que a homossexualidade é uma forma de expressão legítima da sexualidade humana sinaliza para sua naturalização. A estratégia adotada preconizava a convivência entre pessoas distintas orientações sexuais, de modo a atingir um público mais heterogêneo. Por outro lado , procurava-se estabelecer parâmetros, a serem seguidos por gays e lésbicas, que demarcassem os domínios de uma vida cristã (NATIVIDADE, 2010, p.103).

A instituição possui literaturas como a Biografia de Lanna Holder contando sobre sua trajetória na religião e sua sexualidade, outro livro intitulado *A Igreja Trans: conhecer para conquistar, conquistar para incluir* (FEITOSA, 2012) que seriam orientações pastorais para inclusão de travestis e transexuais escrito pelo teólogo Alexandre Feitosa. Livros e Dvds ilustrativos sobre a bíblia e a homossexualidade¹⁰.

Portanto, são ilustrações buscando mostrar que ser homossexual não é condenável nas literaturas sagradas, entretanto não existe nessa instituição discussões a respeito de como seria a relação homoafetiva diante de um mundo heteronormativo, essa leitura não chega perto do púlpito da CR, as literaturas mais difundidas ainda são as tradicionais heterossexistas.

A moral Cristã não é quebrada como alguns acham acontecer, por ser uma igreja LGBTS esse discurso heterossexista e moralista vem através da história sendo questionada, e na religião essa percepção começa a entrar em pauta, porém, quase inexistente. No Brasil, os estudos teológicos *Queer* estão em fase inicial, tendo dois pesquisadores em destaque.

Alexandre Feitosa e André Sidnei Musskopf que refletem o grito dos Movimentos Sociais Feministas e LGBTS, estudam e criticam esse androcentrismo reproduzido pela bíblia, colocando em seus livros e pesquisas essa nova corrente teológica considerada subversiva pelas igrejas tradicionais.

Nossa sociedade – extensão do antigo modelo patriarcal androcêntrico e misógino – determina nosso lugar no mundo pela sexualidade, ou melhor, em variantes que vão da “normalidade” (a minoria homossexual, biesual e transgenera). Ser normal equivale a ter aceitação social, espaço e a viver na clandestinidade, a buscar a face perdida para viver em consonância com sua verdadeira identidade (FEITOSA, 2012, p. 10).

Para esse teólogo sem espaços de expressão, os transgêneros se veem obrigadas a criarem seus próprios espaços para se expressarem livremente com seus semelhantes e vivenciar suas sexualidades, inclusive no âmbito religioso inclusivo onde podem viver sua fé sem uma mutilação de identidade (FEITOSA, 2012).

¹⁰ Comunidade refúgio. **Shopping da cidade**. 2014. Disponível em: <<http://jesuscidadederefugio.com.br/loja>> Acesso em: 02 out. 2014.

Interessante pensar que nessa literatura Feitosa (2012) escreve a reflexão sobre a diferença entre sexo e gênero.

O sexo refere-se às características biológicas específicas dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos, às suas funções e aos caracteres sexuais secundários ocasionados pelos hormônios. É o sexo que determina que os homens têm pênis e as mulheres tem vagina. O sexo refere-se aos componentes biológicos do corpo. Nem sempre o sexo define a identidade de gênero de uma pessoa, bem como nem sempre há correspondência do sexo com a orientação sexual do indivíduo. [...]. Gênero é um conceito pessoal, individual e subjetivo que pertence ao âmbito cultural e social. Não é uma entidade biológica, é um empreendimento realizado pela sociedade para transformar o ser nascido com vagina ou pênis em mulher ou homem. Nesse sentido, gênero é uma construção social. É preciso um investimento, uma influência direta da família e da sociedade para transformar um bebê em “mulher” ou “homem”. Essa construção realizada, reforçada, e também fiscalizada ao longo do tempo, principalmente, pelas instituições sociais. São elas: a igreja, a família e a escola. Gênero refere-se aos papéis sociais diferenciados para mulheres e homens (FEITOSA, 2012, p.17).

Aqui ele mostra as diferenças entre sexo e gênero, a problematização e os questionamentos em torno das discussões de gênero. Discussões, portanto, disponíveis aos líderes e membros da CR, reflexão que aos poucos vão conscientizando os membros, assim como a construção das sexualidades. O livro também orienta sobre termos homossexualidade e não *homossexualismo* conceitos de identidades de gênero, travestilidade, ao invés de *travestismos* ou *transexualismo* (FEITOSA, 2012).

Musskopf (2012) analisa que a partir do momento em que nascem novos pensamentos nas áreas de medicina e as reivindicações de movimentos Homófilos abrem-se maiores reflexões no campo religioso e da teologia, buscando questionamentos de assimilações homossexuais dentro de uma cultura hegemônica androcêntrica e heterocentrada.

A questão é que a igreja ainda não interage com esse tipo de bibliografia, os questionamentos *Queer* e suas reflexões se encontram bem distantes dos discursos da CR, por enquanto a literatura mais utilizada são as importadas de outras igrejas tradicionais de percepção androcentricas e homofóbicas, que em parte não inclui o homossexual dentro dos padrões estabelecidos por essas bibliografias tradicionais.

Na perspectiva de Bourdieu para ajudar a pensar essa transição cultural,

podemos refletir no conceito de *habitus* de Bourdieu (apud ORTIZ, 1983), que é adquirido mediante a uma interação social de forma interiorizada e internalizada pelos indivíduos de maneira que o sujeito não percebe, não tem consciência agindo de forma natural reproduzindo como uma verdade particular. Para o autor esse *habitus* é exteriorizado pela prática. Porém, essa relação não é harmoniosa e sim dialética entre essas estruturas interiorizadas.

De forma que, essa reprodução das igrejas tradicionais é perfeitamente explicável partindo do princípio antropológico, pois são formas de religiosidades que vieram interiorizadas com seus sujeitos, são expressões internalizadas e inconscientes causando uma satisfação em seus agentes não permitindo uma mudança imediata.

No entanto, essa mudança de pensamento é possível acontecer, como o autor definiu que essa tradição foi internalizada das estruturas sociais e age dialeticamente com os sujeitos, portanto, ela pode mudar progressivamente ou repentinamente. A exemplo disso temos a experiência de Sahlins (1990) em seu livro *Ilhas de História* e a de Geertz (1989) ao referenciar a questão da briga de galos em seu livro *Viadagens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*.

Sahlins (1990) busca analisar e entender a cultura, as ações e transformações a partir de uma análise estrutural de uma tribo do Havaí. Nessa história Capitão Cook comandava um barco inglês que fazia intercâmbios com moradores de uma ilha havaiana, esses encontros tinham objetivos distintos. Os ingleses queriam a exploração do lugar e os nativos classificavam o capitão como um deus dentro de sua estrutura mítica.

De forma que, Cook já representava uma tradição para os havaianos antes de aparecerem na ilha. Como eram representadas por Lono, deus da fertilidade, as mulheres da ilha mantinham relações sexuais com seus tripulantes porque acreditavam que poderiam ter mobilidade dentro daquela estrutura. Eram tidas como uma classe subalterna, reivindicando mudança de status gerando filho de deuses.

Em um incidente climático o barco do Capitão Cook afastou-se da ilha, talvez mudando as expectativas dos nativos. Quando retornaram a ilha, a receptividade foi substituída pela violência causando a morte do capitão, mudando todo o sentido da história e provavelmente surgindo novos significados.

Já Geertz (1989) no ano de 1958 participa de um evento importante para a

população de Bali, uma rinha de galos, essa prática é considerada ilegal naquela sociedade e vista pela elite balinesa um atraso, algo primitivo que retrai a sociedade, o autor percebeu que através de detalhes os significados são criados.

Um exemplo disso foi uma situação em que estavam já na terceira rinha, todos muito empolgados com o evento, quando policiais chegaram empunhando armas e desmontando toda estrutura do jogo. Esporte esse que comparado pelo antropólogo com o beisebol norte americano tinha muitas representações, a importância dada as particularidades de cada galo, como refletores das personalidades de seus donos, do ego masculino, identificando seu eu, com seu pênis.

A animalidade que os bichos passavam era enaltecida pelo ego masculino ao mesmo tempo em que se cultuava pela tradição balinesa como algo de mais ruim, usada como punição aos praticantes do incesto. De forma que:

Essas regras, juntamente com a sapiência desenvolvida em relação aos galos e à briga de galos que as acompanham, são escritas em manuscritos de folhas de palmeira (*lontar; rontal*), passadas de geração a geração como parte da tradição legal e cultural comum das aldeias. Numa briga , o árbitro (*saja komong; djuru kembar*) – o homem que lida com o coco – encarrega-se da aplicação dessas regras e sua autoridade é absoluta (GEERTZ, 1990, p.192).

Logo, sua experiência balinesa trouxe luz a várias reflexões sobre a análise cultural, como o conjunto de atitudes, crenças e tradições ou códigos de valores são determinantes na formação de signos e que essas mesmas tradições não são simples de serem quebradas ou transformadas.

Cabe refletir também, que a liderança dessa comunidade como todos os membros sentem-se realizados com o que vivenciam, são pessoas felizes com suas regras e normas, mesmo que para nos pesquisadores essa forma de reprodução seja incoerente, para os nativos isso os constrói como seres humanos, como cidadãos participantes socialmente e espiritualmente, devendo por nossa parte serem respeitados já que mesmo dentro dessa lógica clássica representam o transformador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões levantadas sobre a CR no início da pesquisa foram sendo respondidas e entendidas desde os estudos sobre o Pentecostalismo, compreendendo que essa religiosidade já faz parte de um movimento de resistência dentro do Protestantismo, pois alterou toda a prática litúrgica protestante incorporando e criando novas formas de contato com o divino. Portanto, partindo dessa perspectiva a CR é apenas mais um movimento de resistência, quebrando novos paradigmas doutrinários incorporando o gay nas práticas de seus ritos.

Entendendo que essa nova instituição herdou e pratica a doutrina tradicional como sendo única e onipotente, lembrando que a maioria de seus membros tiveram anos de participação no pentecostalismo, contudo, como foi refletido a cultura é dinâmica e conflituosa, estudos sobre esse tipo de religiosidade estão ainda em produção e esse processo pode ser transformado de acordo que forem refletido.

Dentro dessa Igreja que se afirma “inclusiva” os discursos ainda são pautados nas tradições ortodoxas e conservadoras, muitas vezes, como foi observado pela fala de Lanna Holder uma negação da importância das lutas por direitos e da politização como prática necessária ao alcance da igualdade. A proposta inclusiva da CR retrocede e não favorece uma reflexão sobre a identidade de seus membros, reproduzindo doutrinas que em sua essência negam a cidadania do gay, pensando a sociedade como algo avesso ao mundo sagrado, reprimindo a participação política interpretando e entendendo luta e conquista com egoísmo e individualidade.

A Cidade de Refúgio ao invés de “incluir” como ela acredita acaba por excluir seus membros quando, por exemplo, reproduz literaturas que não contemplam o cotidiano de vida homoafetiva, quando não constrói seus próprios materiais didáticos tratando sobre gênero e identidades. Ela exclui ao ensinar sobre a submissão feminina diante do homem, quando perpetua e tira a humanidade do próprio homem recomendando que ele seja forte financeiramente e emocionalmente independente de todas as coisas.

Repassando fórmulas de convivência coletiva ou particular que não condiz e não identifica com o universo homoafetivo. E os que ali se identificam tiveram uma história dentro dessas doutrinas, que talvez de forma inconsciente se realizam nessas práticas que num passado foram –lhes negado, causando assim uma certa

satisfação, se identificando nos discursos produzidos a partir de leituras e interpretações bíblicas neutras , sem a agressão a homossexualidade, criando assim, seu próprio conceito de inclusão, sem uma perspectiva social, filosófica e política partindo apenas do plano etéreo, justamente como concebiam as igrejas mais tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **A mulher independente**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008.

BÍBLIA. Português. **A bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1990.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set/nov 2005. Disponível em: www.usp.br/revistausp
Acesso em: 23 set. 2014.

Comunidade cidade de refúgio. **As cidades de refúgio**. 2014. Disponível em: <http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/as-cidades-de-refugio/>
Acesso em: 02 out. 2014.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?: movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2005.

FEITOSA, Alexandre. **A Igreja Trans: conhecer para conquistar, conquistar para incluir**. Brasília : Editora Oásis, 2012.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosa e mudança social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graall Ltda, 2005.

FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et. al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GEERTZ, Clifford. **Viadagens teológicas: itinerários para uma teologia Queer no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora LTC – Livros Técnicos e Científicos S. A., 1989.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

KONIK, Anthony (Coord.). **A sexualidade humana**: novos rumos do pensamento católico americano. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan/jun 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 23 set. 2014.

MUSSKOPF, André Sidnei. Viadagens Teológicas: Itinerários para uma Teologia Queer no Brasil. **Estudos teológicos**, v. 52, p. 276-290, 2012.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000200006> Acesso em 20 set. 2014.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relumes Dumará, 1995.

Precusores faziam culto em boate. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [n.p.], 21 jun. 1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff21069819.htm> Acesso em: 26 out. 2014.

RAMOS, Mariana Franco. Bancada de fé e LGBTs vão às urnas. **Folha de Londrina**: o jornal do Paraná, Londrina, p. 4, 13 abr. 2014.

ROSELLO, Antônio Roig. **Todos los parques no son un paraíso**: memórias de um sacerdote. Barcelona, 1977.

SAHLINS, Marshal. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria de Queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões e consideração intermediária**. Lisboa: Relógio D' água, 2006.

Fontes Eletrônicas

_____. **ONG – Mãos em ação**. 2014. Disponível em: < <http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/ong/>> Acesso em: 02 out. 2014.

_____. **As pastoras**. 2014. Disponível em: <http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/a-igreja/pastoras/> Acesso em: 02 out. 2014.

_____. **Shopping da cidade**. 2014. Disponível em: < <http://jesuscidadederefugio.com.br/loja>> Acesso em: 02 out. 2014.

HOLDER, Lanna. Pesquisa [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < tuti34@bol.com.br> em: 14 de out. 2014.

Igreja universal do reino de Deus. **O dinheiro não deu nem para pagar as contas: e agora?**. 2014. Disponível em: <http://www.universal.org/> Acesso em: 02 out. 2014.

SILVA, Aguinaldo (Coord.). Confissões de um carmelita descalço. **Lampião da esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7, maio/jun 1978. Disponível em: < <http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/05%20-%20LAMPIAO%20DA%20ESQUINA%20EDICAO%2001%20-%20MAIO%20JUNHO%201978.PDF>> Acesso em: 23 set. 2014.